

CONTRATO Nº 3956/91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III Nº 31/34
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

De Gutenberg a Bill Gates, caminhos e descaminhos da literatura

■ A epopéia de
um candango

■ A história
das HQs

Brasília completa 37 anos neste ano de 1997. Para homenagearmos a cidade, estamos publicando neste número duas matérias distintas: uma com um candango de primeiríssima hora, "Seo" Luciano Pereira, administrador do Catetinho, e outra com o jornalista e escritor Luis Adolfo Pinheiro.



"SEO" LUCIANO

Um contador de histórias

□ Chico Nóbrega

Luciano Pereira, 73 anos, casado, 10 filhos, sendo cinco nascidos e criados em Brasília. Mora na capital federal há 42 anos. É o primeiro funcionário público do Distrito Federal. Candango por opção e Cidadão Honorário de Brasília por outorga da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Uma testemunha viva da epopéia da construção de Brasília e do vigor e disposição de Juscelino Kubitschek para

erguer a Nova Capital no cerrado do Planalto Central, do qual se diz fã incondicional.

"Seo" Luciano, como é mais conhecido em Brasília, é um grande contador de "causos" da época da construção da cidade e, nesta entrevista exclusiva ao DF Letras, ele vai falando de tudo que viveu, viu e ouviu junto aos pioneiros tais como Bernardo Sayão, Altamiro de Moura, Jorge Moscoso,

tenente-coronel João Milton Prates, próprio JK e de tantos outros candangos entusiasmados como ele com a mudança da capital do Rio de Janeiro para os cerrados de Goiás.

Vamos relembrar com "Seo" Luciano as histórias da construção de Brasília, tais como a da onça recém-parida que quase comeu vivo um peão, que ficou conhecido como "Tião da Onça", apelido dado pelo próprio Juscelino. De uma certa D. Germita, a primeira cozinheira do Catetinho, que ao que parece despertava outros desejos de iguarias, além do trivial variado, nas imaginações dos pioneiros, inclusive JK, naqueles tempos de solidão e carências impostas pela construção de Brasília. Mas deixemos o "Seo" Luciano contar-nos todos esses "causos".

"CAUSO"

A Primeira Comissão

Nascido na cidade goiana de Luziânia, Luciano Pereira era guarda-campo da Força Aérea Brasileira (FAB), no pequeno aeroporto municipal. Foi neste local, no dia 20 de junho de 1956, que ele recebeu a primeira comissão a chegar ao Planalto Central, enviada por Juscelino Kubitschek, com a missão de dar início à construção de Brasília e providenciar as primeiras desapropriações de terras no Distrito Federal. Faziam parte desta comissão Altamiro de Moura, o vice-governador de Goiás, Bernardo Sayão, o topógrafo Jorge Moscoso, entre outros engenheiros. O então tenente-coronel João Milton Prates, piloto de JK e diretor da extinta Pan Air do Brasil, também fazia parte da comissão.

O fato do pai de "Seo" Luciano, Vicente Pereira, ser um exímio conhecedor destas regiões do Planalto Central, uma vez que ele era funcionário da Empresa Brasileira dos Correios e Telégrafos (ECT), percorrendo tudo em lombo de burro, e Luciano o acompanhava nestas andanças, fez com que ele logo se integrasse à primeira comissão.

Luciano, muito falador e desinibido, logo contagiou todos e passou a ser o guia da comissão. O povo não credi-



Os amigos de JK conseguiram juntar 500 contos de réis e em 10 dias construíram o Catetinho. Mais de 70 homens participaram da empreitada dia e noite

tava muito que Juscelino fosse mesmo construir a Nova Capital e Luciano também. Certa ocasião ele levou os membros da comissão ao marco colocado em Planaltina pela Comissão Cruls, a primeira a vir ao Planalto Central fazer estudos para transferir a capital para o interior. Em Planaltina deu-se o seguinte diálogo entre "Seo" Luciano e Bernardo Sayão.

Luciano - "Dr., o José Bonifácio e os presidentes Getúlio, Dutra, Café Filho, mesmo querendo não conseguiram trazer a capital para o Goiás. Será que agora é pra valer?"

B. Sayão - "Agora é diferente, Luciano. O Presidente se chama Juscelino Kubitschek".

"Seo" Luciano passou a ser um fervoroso defensor da mudança da Nova Capital, e o resto a história se encarregou de confirmar.

"CAUSO"

Os Gêmeos e o Padre Roque

Os primeiros gêmeos nascidos na época da construção de Brasília eram filhos de "Seo" Luciano. Eles nasceram lá mesmo no Catetinho e Juscelino quis ser o padrinho das crianças. Nesta época o Padre Roque era o vigário da primeira igreja católica construída em

Brasília, no Núcleo Bandeirante, um grande acampamento de peões e comércio naqueles tempos idos. O dia do batizado foi marcado, lá no Catetinho. Deu a hora, e nada do Padre Roque chegar. JK perdeu a paciência e foi com Luciano ao Núcleo falar com o Padre.

JK - "Padre Roque, está todo mundo esperando pelo senhor para batizar as crianças lá no Catetinho, vamos embora que já estamos atrasados".

P. Roque - "Presidente, daqui eu não saio. Só batizo as crianças se elas forem trazidas até aqui, na igreja. No Catetinho eu não batizo. Só na igreja."

JK - "Olha, P. Roque, deixe de bobagem. Quem é o Presidente da República?"

P. Roque - "É o senhor."

JK - "Então, padre, quem manda sou eu ou você?"

P. Roque - "É o senhor."

JK - "Então pegue logo o seu missal, a água benta e vamos batizar as crianças no Catetinho."

O batizado transcorreu sem incidentes no Catetinho em meio a uma boa pinguinha de Minas e uns torresminhos.

A Chegada de JK

Exatamente no dia dois de outubro de 1956, às 11 horas e 40 minutos, Juscelino Kubitschek e sua comitiva chegaram em um avião DC-3, no campo de pouso da Vera Cruz, onde foi celebrada a primeira missa em Brasília, local hoje conhecido como Cruzeiro, junto ao Memorial JK. Presentes o General Lott, ministro da Guerra, deputado Renato Azeredo, amigo de JK, entre outras tantas autoridades.

De lá a comitiva, com JK à frente, seguiu para a fazenda Gama, local onde seria erguida mais tarde a primeira construção de Brasília, o Catetinho. Na sede da fazenda, o dono das terras, Sr. Geraldo, serviu ao Presidente um café feito pela mulher do vaqueiro Tal, D. Zenaide, que hoje mora em Taguatinga.

JK tomou o café em uma caneca e ficou como que sonhando, olhando o fazendeiro jogar milho no terreiro da casa para os porcos e galinhas, a imaginar a grande cidade que iria surgir naquelas terras. O fazendeiro quase que adivinhando os pensamentos de Juscelino disse: "Presidente, só um louco como Vossa Excelência é que irá fazer mesmo esta cidade". Mais tarde,

Luciano Pereira é o guardião e a memória viva do Catetinho, a primeira obra construída no DF para hospedar Juscelino, em 1956

Juscelino foi conhecer as quatro nascentes de água que existiam nas proximidades. Chegando lá, JK tomou um gole da água cristalina com as próprias mãos, proferiu uma oração, relembrando o sonho de D. Bosco e fez a promessa de concluir o mais rápido possível a Nova Capital. Junto a Juscelino estava Lott, que em tom de brincadeira falou: "Presidente, no primeiro dia em que Vossa Excelência chega a Brasília já começa fazendo promessas."

Juscelino não foi rápido, mas falou sério para o seu ministro da Guerra: "Ministro, anote no seu caderninho. Eu vou construir Brasília e passar a faixa presidencial ao meu sucessor no Palácio do Planalto."

Lott, meio sem graça, disse que estava só brincando. A promessa feita a D. Bosco concretizou-se e Jânio Quadros recebeu a faixa de JK em Brasília, no Palácio do Planalto.

A Construção do Catetinho

A primeira obra de Brasília foi o Catetinho, uma construção toda em madeira, projeto de Oscar Niemeyer, feito em 10 dias, por 500 contos de réis, reunindo cerca de 80 peões para sua conclusão. A ideia da construção partiu de alguns amigos de Juscelino, entre eles, João Milton Prates, César Prates, Juca Chaves, Vivaldo Liro, Dilermando Reis, Agostinho

Montandon e Osório Reis. O nome Catetinho surgiu parodiando a denominação do Palácio do Catete, onde Juscelino Kubitschek despachava no Rio de Janeiro. Foi uma surpresa para JK a construção do Catetinho. Ele não sabia. A obra foi feita com o dinheiro arrecadado entre seus amigos.

Juscelino sempre que podia falava do seu grande carinho e amor pelo Catetinho. Foi lá que ele assinou os primeiros decretos na Nova Capital. JK ficou no Catetinho até o dia 20 de junho de 1958, quando passou a se hospedar no Palácio da Alvorada, a residência oficial do Presidente da República. Em certa ocasião, em uma de suas passagens por Brasília, Juscelino falou para D. Sarah Kubitschek, sua esposa: "Sarah, vamos passar pelo Catetinho. Eu tenho o maior amor por ele, mais que o Alvorada, que tem letreiro e placa de ouro". Dona Sarah concordou com ele. Logo ao chegar ao Catetinho, Juscelino desceu e foi beber água das nascentes, aquelas do primeiro dia em que esteve na fazenda Gama.

O Catetinho hospedava de 30 a 40 pessoas nos primeiros tempos. A maioria engenheiros da NOVACAP. Juscelino ficava junto com eles quando vinha à Brasília. O Catetinho hospedou também o presidente de Portugal, Craveiro Lopes, em 1958. JK já não mais usava o Catetinho, que recebeu ainda visitantes ilustres, tais como a Rainha Elizabeth II, da Inglaterra, em 1958, o Príncipe Imperador do Japão, no mesmo ano, e até o líder revolucionário e eterno presidente de Cuba, Fidel Castro.



"CAUSO"

V

A Onça e o Eletricista

Juscelino reuniu vários candangos e amigos no Catetinho, em fevereiro de 1957, e fez ali o primeiro discurso sobre a grande obra que realizava. Compraram para a ocasião uma lona de circo novinha em folha. Reunida toda a peãozada, no meio do discurso ouviu-se um esturro de onça nas proximidades.

Minutos depois, a onça recém-parida, com dois filhotes, saltou sobre a lona e só não comeu um peão, eletricista, porque a lona era nova, agüentou o ataque do felino e não rasgou-se. Naquela época, havia muitos animais do cerrado rondando as matas do Catetinho. Era comum avistarem-se lobos, onças, emas, seriemas, antas e muitas cobras.

Sabedor do caso, JK quis conhecer o eletricista, que chamava-se Sebastião, ou melhor, Tião. Na mesma hora Juscelino apelidou o eletricista de "Tião da Onça", e assim ele ficou conhecido até morrer recentemente, aqui mesmo no DF. De morte natural, é claro!

"CAUSO"

VI

Uma Senhora Cozinheira

Desde o dia 2 de outubro de 1956, com a primeira visita de Juscelino, a comissão de construção da cidade começou a preocupar-se com o bem-estar do Presidente. Construíram o Catetinho e no dia 10 de novembro, data da assinatura do primeiro decreto assinado por Juscelino, já haviam instalado uma cozinheira lá. Neste dia D. Sulamita (nome fictício, pois a pessoa ainda é viva e mora no DF), preparou uma refeição trivial, ao gosto de JK. Frango caipira, angu, quiabo, tutu e pernil de porco assado.

Os predicados da cozinheira extrapolavam as suas qualidades e habilidades no manejo dos quitutes. A mulher era da própria região e caçada com um tal de Geraldo. Era uma morena muito bonita e vistosa. Dois me-



Juscelino Kubitschek era aficionado por serestas e um grande pé-de-valsa

ses após iniciar as atividades como cozinheira, no Catetinho, Sulamita separou-se do marido.

Luciano relembra que Juscelino era um grande galanteador, gostava de seresta e era um bom pé-de-valsa.

"CAUSO"

VII

O Primeiro Acidente Aéreo

Neste caso "Seo" Luciano escapou por pouco da morte. Em 1957, junto ao Catetinho, tinha uma pista de pouso para aviões pequenos que era utilizada regularmente por JK. Os aviões maiores tinham como opção os aeroportos de Luziânia, Anápolis ou Goiânia.

Um dos pilotos de Juscelino, de nome Alzirinho, comprou um pequeno avião para fazer transporte de passageiros na região. Um certo dia Alzirinho e Agostinho Montandon tinham que levar dois passageiros a Formosa, cidade goiana próxima de Brasília, e convidaram Luciano Pereira para ir também. Como era um sábado e pouca coisa acontecia naqueles confins, no Catetinho, Luciano achou que era uma boa idéia. E lá se foi a bordo do pequeno teco-teco.

Em Formosa foi aquela farrá. Toma uma pingüinha aqui, uma cerveja aco-

lá, e o tempo foi passando e já era hora de retornar à pista do Catetinho. Na volta, uma chuva forte, com muito vento, pegou o avião. Entretanto, o piloto Alzirinho, muito confiante, não se importava com a situação. Deu vários rascantes sobre a então iniciante Vila Planalto, local onde moravam os candangos que construíam a Esplanada, o Congresso e os Palácios da Alvorada e Planalto, entre outras obras de vulto.

Luciano tremia de medo e reclamava com os companheiros. Ao chegar à pista do Catetinho, o avião deu uma pane e caiu de bico, incendiando-se em seguida. "Seo" Luciano foi salvo por milagre, quando foi jogado para fora do avião no momento da queda. Os dois outros passageiros, Alzirinho e Montandon, morreram queimados. Luciano teve algumas queimaduras que foram curadas à base de clara de ovo, receita de uma cozinheira do Catetinho.

"CAUSO"

VIII

A Casa Velha do Gama

Próximo ao Catetinho ficava a sede da antiga fazenda Gama. Hoje esta casa ainda existe dentro dos limites do Brasília Country Club, junto ao balão que dá acesso à cidade-satélite do Gama. Para Luciano Pereira, a casa velha, como era chamada naquela época, deveria ter sido tombada como patrimônio histórico e cultural de Brasília. Foi lá que aconteceram grandes momentos históricos.

Foi na casa velha que Juscelino tomou café a primeira vez que esteve no DF. A primeira comissão liderada por Bernardo Sayão também ficou hospedada lá. Os engenheiros da Fertiza, de Araxá(MG), liderados por Roberto Penna, ficaram lá, como também o pessoal da empresa DFCC, de Juca Chaves, que construiu o Catetinho.

A casa velha também abrigou a primeira estação de radiotelegrafia da Pan Air, que tinha como telegrafista o "Zé da Pan Air". A segunda estação de rádio amador foi instalada pela NOVACAP, no mesmo local. Ainda há tempo para reparar este esquecimento. Tombemos a casa velha.